



4. Recuperando a Magia do Cinema

Andreza S. C. Maynard^I

Invenção de Hugo Cabret (Hugo, 2011), distribuído pela Paramount Pictures, é uma adaptação do livro homônimo de Brian Selznick e marca a primeira experiência do premiado diretor Martin Scorsese com a tecnologia 3D. O roteiro é de John Logan e a produção ficou a cargo de Johnny Depp e do próprio Scorsese. Classificada nos gêneros de aventura e drama, a película estreou nos cinemas norte-americanos em 23 de novembro de 2011. A estreia no Brasil ocorreu em 17 de fevereiro de 2012.

Famoso por seus filmes de gangsteres, Scorsese inova ao dirigir um filme com censura ampliada. O elenco principal é formado por Asa Butterfield (como Hugo Cabret), Chloe Moretz (como Isabelle, afilhada de Georges), Jude Law (como pai de Hugo), Ben Kingsley (como Georges Méliès), Sacha Baron Cohen (como inspetor da estação de trem), Ray Winstone (como tio de Hugo), Christopher Lee (como Monsieur Labisse, proprietário da livraria), Helen McCrory (como esposa de Georges), Michael Stuhlbarg (como René Tabard, historiador), Emily Mortimer (como Lisette, vendedora de flores), Frances de la Tour (como Madame Emile, proprietária do café), Richard Griffiths (como Monsieur Frick, jornalista).

Concorrendo ao Oscar em 11 categorias, esta foi a produção com maior número de indicações na Academia de Artes e Ciências Cinematográficas em 2011, no entanto acabou levando “apenas” 5 estatuetas (melhor direção de arte, melhor fotografia, melhores efeitos visuais, melhor edição de som e melhor mixagem de som). No BAFTA foram 8 indicações e 2 vitórias (melhor edição de som e melhores efeitos visuais). Já no Globo de Ouro o filme concorreu em 3 categorias e Martin Scorsese recebeu o prêmio de melhor diretor, além de outras premiações importantes.

O filme se passa em 1931 e conta a história de Hugo Cabret, um garoto de 12 anos que vive na Gare du Nord, a majestosa estação de trem em Paris. Depois de perder o pai, Hugo passa a viver com o tio que lhe ensina manter os relógios da estação funcionando. Em meio à luta pela

sobrevivência, ele rouba peças na loja de brinquedos do sisudo Georges e tenta consertar um autômato. O garoto também precisa se desvencilhar do inspetor da estação que se esforça para enviá-lo a um orfanato. Ao lado de Isabelle, Hugo participa de algumas aventuras. Quando finalmente consegue fazer o autônomo funcionar, ele espera uma mensagem de seu pai, mas ao invés disso, o boneco mecânico desenha o cartaz de divulgação do filme “A viagem à Lua” (*Le Voyage Dans La Lune, 1902*), de Goerges Meliès. O cinema e os trens permeiam os episódios que conectam os personagens. O fato de Hugo viver numa estação de trens parece ser uma provocação de Scorsese, uma referência ao filme de 1895 “A chegada do trem na estação” dos irmãos Lumière.

A fotografia, direção de arte e som realizaram um trabalho primoroso. As cores, texturas, cenários e os efeitos especiais resultam numa miragem que pretende desconectar a plateia de realidade. A tecnologia empregada no filme envolve o público, criando a sensação de quase transportá-lo à tela. Os movimentos de câmera são um espetáculo à parte. A estação de trem, por exemplo, é mostrada num *travelling* que simula o olhar do garoto através de um relógio da estação. Os movimentos da câmera levam o espectador a passear pela *Gare du Nord*.

No filme Hugo e Isabelle se envolvem numa aventura investigativa e a trama leva o público a montar um quebra-cabeça junto com os garotos. Scorsese não eleva o conhecimento do espectador a um nível superior ao dos personagens. As revelações inesperadas como a verdadeira identidade do cineasta Georges Meliès é simultânea a Hugo, Isabelle e o público. Num *flashback* o proprietário da loja de brinquedos volta ao passado e conta sua experiência com o cinema. Diferente dos irmãos Lumière que registravam cenas do cotidiano, Meliès guardava ambições diferentes para o cinematógrafo. Famoso ilusionista, diretor e ator, ele utilizou técnicas teatrais para produzir mais de 500 filmes, e transformou o cinema numa “fábrica de sonhos”. O “cinema espetáculo” de Meliès ganhou fama graças ao emprego de recursos como a sucessão de cenários, truques de montagem e encenação. Efeitos especiais, como aparecimento e desaparecimento de personagens e objetos encantavam o público no alvorecer do século XX.

Scorsese emprega o 3D para potencializar a beleza dos primórdios do cinema. Apesar de fazer uma homenagem ao cinema antigo, o diretor americano lança mão do que há de mais moderno em recursos audiovisuais, e justamente por isso os filmes de Meliès nos parecem tão encantadores. Enxergamos a magia dos primeiros filmes através da leitura cinematográfica de



Scorsese. Com propósitos narrativos claros, ele utiliza a tecnologia 3D e apresenta um simulacro da realidade com imagens mais perfeitas que a própria realidade. Confundir os sentidos da plateia faz parte do show. Assim, quase somos atingidos pela neve que cai sobre Paris e que numa ilusão de ótica parece abordar os espectadores sentados nas poltronas. A fantasia e confusão entre o real e irreal permeiam a história do cinema. Queremos ser iludidos e surpreendidos pelos filmes. Divertimos-nos com isso.

De acordo com Ben Singer^{II}, esse é um fenômeno da modernidade. O autor acredita que os sentidos humanos exigem novos estímulos, por isso o sensacionalismo atrai o frequentador aos cinemas. Desde muito cedo a “estética do espanto” moldou a forma e conteúdo dos filmes. No entanto o cinema não é apenas arte, ele também é uma indústria. No filme Meliès aparece, em 1931, amargurado pelo descaso com seus filmes e explica que depois da 1ª guerra o gosto popular mudou.

Nesse caso Scorsese elegeu as mudanças trazidas no bojo da 1ª guerra como o algoz de Meliès. O diretor preferiu não mencionar que a rápida industrialização da produção cinematográfica americana também foi responsável pelo ostracismo do “pai do cinema”. De qualquer forma, é difícil não se render ao didatismo e beleza com que Scorsese narra a história dos primórdios do cinema. O diretor brinca de ser historiador.

No filme, a volta ao passado pode remeter a lembranças tristes, porém é mais comum que reflita momentos de alegria. Assim, Hugo lembra os momentos que passou ao lado do pai e Georges Meliès recorda seus primeiros curtas-metragens. O passado parecia conter os elementos para a felicidade. No entanto a realidade é outra. O mundo não é mais o mesmo. O período retratado no filme é marcado pelo desencantamento. A tristeza generalizada é expressa nos dramas particulares dos personagens. Contudo esse quadro pode ser revertido. A esperança está nos olhos azuis de Hugo e na possibilidade de renovação, metaforizada nas constantes chegadas dos trens à estação. No fim todos os personagens redescobrem sua função na vida, o clássico *happy end*.

O filme é ambientado em Paris e Scorsese evita referências objetivas aos Estados Unidos. Embora faça alusões à 1ª Guerra, não há menções à crise econômica de 1929, uma tragédia mais viva na memória dos franceses. No entanto este não é o melhor momento para evocar o crash da bolsa de Nova York, principalmente diante da onda de protestos iniciados em 2011, em *Wall Street*, o chamado “Outono Americano”. As referências ao aumento da taxa de



desemprego e descrença na recuperação da economia americana nem de longe são mencionadas. A mensagem do filme segue na direção contrária.

A estreia do filme nos cinemas americanos ocorreu na véspera do dia de ação de graças, data significativa para a cultura estadunidense. Para eles esse é o momento de compartilhar sentimentos de gratidão e renovar a esperança em dias melhores. O filme recupera a dimensão mágica do cinema justamente por ser um espetáculo audiovisual aliado às excelentes atuações e a um enredo encantador, em que tudo acaba bem. Basta acreditar e lutar para que isso se torne possível. Qualquer semelhança com a filosofia americana não é mera coincidência.

Notas:

I Doutoranda em História UNESP/Bolsista CAPES/ Integrante do GET/UFS/CNPq. Email:

andreza@getempo.org

II SINGER, Bem. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ (orgs.). O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Cosac Naify: 2004. 2 ed.

Filmografia:

SCORSESE, Martin. **A Invenção de Hugo Cabret**. EUA: Paramount Pictures, 2011.
Duração: 2:06h.